

01/07/2019

Uma visão liberal para o enfrentamento do gigantesco poder das corporações: isto não vai dar certo...

Francisco Lacaz

[Doutor em Medicina. Professor Titular Sênior da Escola Paulista de Medicina da UNIFESP]

O boletim eletrônico do Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz publicou no dia 18/06/2019 um texto intitulado “Corporações: já vivemos uma distopia” de autoria de Jeremy Lent, informando que ele é “[...] fundador do Instituto Liology, que se dedica a fomentar uma visão de mundo mais sustentável...”. No referido artigo, o autor aponta e discute uma situação limite de sobrevivência na Terra em função do poder cada vez maior das grandes corporações que hoje demonstram mais poder do que os Estados-Nação, figurando, inclusive, uma delas, a *Walmart*, entre as dez maiores economias do mundo, logo após o Canadá, ultrapassando em termos de “ativos econômicos” países como Austrália, Coreia do Sul e Índia, sendo que das 100 maiores ‘economias’ mundiais, 67 delas são grandes corporações capitalistas. Ademais, ao final do texto Lent aponta que há saída ingênua para a tal distopia na medida em que: “Também há mudanças estruturais que podem ser feitas pelas corporações para realinhar seus sistemas de valores ao bem-estar humano. Contratos corporativos podem ser reformados e otimizados, para terem uma **linha de fundo tripla**, com resultados sociais, ambientais e financeiros - os (...) ‘três P’, de *people* (gente), *planet* (planeta) e *profit* (lucro).

Uma **certificação “benéfica” ou B-Corp**, que mantém companhias dentro dos padrões de performance social e ambiental, está sendo cada vez mais adotada e, (...) já é tida entre mais de 2 mil corporações em (...) 50 países.” (grifos do autor) Pela afirmação acima percebe-se que o autor a situa nos marcos da democracia capitalista liberal, cuja possibilidade de superação dos danos sobre a vida no planeta deve ser denunciada como pouco eficaz já que sob o capitalismo o lucro é obtido mesmo com a cada vez maior poluição, o que é utilizado para obter ainda mais lucro! É que sob o manto da formulação na qual a questão ambiental situa-se para “além das ideologias”, porque o importante é o “planeta” e deve-se agir com “urgência”, busca-se ocultar a evidência marxiana de que no modo de exploração capitalista, não somente homens colocam-se contra homens, como a relação da sociedade com a natureza deteriora-se pela sede do lucro fácil.

Frise-se que no capitalismo globalizado a manipulação ideológica acentua-se na “[...] medida em que o grande capital vê no ‘risco ambiental’ um risco para seu domínio e o tenta contornar transformando-o numa nova fileira de lucro - a chamada ‘economia verde’ - sustentada numa espécie de ‘neopopulismo ecológico.’” (Alves, 2019, p.4). Nessa perspectiva surgem ideias como “[...] da ‘fiscalidade verde’, do ‘mercado de carbono’, (...), ou da privatização dos recursos naturais para ‘forçar a poupança’, ocultando-se responsabilidades e factos como o de 100 empresas (...) serem responsáveis por 71% da emissão de gases estufa desde 1988.” (idem). Ao invés da “linha de fundo tripla” defendida por Lent, para manter as corporações nos limites de preservação do bem-estar humano, também preservando seus ‘*profits*’, cada vez mais fica clara e avulta a conclusão óbvia de que o ‘capitalismo não é verde’, sendo que a luta para dar um futuro à Terra é inseparável da luta anticapitalista, uma urgência cada vez mais premente, para evitar a cada vez maior desigualdade social que se aprofunda fazendo com que “[...] metade da humanidade [esteja] faminta ou subnutrida, [...] 85 famílias das mais ricas do planeta acumulem uma fortuna equivalente às posses somadas da metade mais pobre da humanidade.” (Arbex, 2015, p. 10). “Assim, 85 famílias concentram a renda de 3,5 bilhões de pessoas: esta é a equação da barbárie hodierna ou da bomba relógio a explodir.” (Lacaz, 2016, p. 3).

Mesmo que se pudesse imaginar, como sugere Lent, “[...] um mundo em que contratos corporativos só pudessem ser reconhecidos se adotassem um ‘fundo de linha tripla’ e (...) processos judiciais ameaçassem os acionistas cada vez que uma companhia quebrasse uma de suas regras sociais ou ambientais”, a realidade da degradação ambiental que assola o planeta em que vivemos é algo a exigir medidas urgentes que a manifestação global da ‘greve climática’ ocorrida em 15/03/2019 organizada e promovida por jovens coloca em pauta como uma grande prioridade política, dado seu engajamento e cada vez maior sensibilidade aos danos ambientais e suas consequências para o futuro da Terra! ■■■

Citações

- Alves, Ângelo. O capitalismo não é verde. *Avante!* Edição de 21/03/2019. Lisboa.
- Arbex Jr, José. Nova Roma. A barbárie não é mais um prognóstico. *Caros Amigos*. 2015; (218): 10.
- Lacaz, Francisco A. C. Continuam a adoecer e morrer os trabalhadores: as relações, entraves e desafios para o campo Saúde do Trabalhador. *Rev Bras Saúde Ocup* 2016; 41: e 13.
- Lent, Jeremy. Corporações: já vivemos uma distopia. *Boletim Eletrônico do CEE da Fiocruz*, edição de 18/06/2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.